

FHC admite vaidade intelectual e que 98 é “ano da eleição”

Maurício Corrêa
de Brasília

Em conversa informal com os repórteres que cobrem o Palácio do Planalto, o presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que o momento mais grave da crise, em decorrência da situação ocorrida com os mercados asiáticos, já passou. Ele demonstrou satisfação pelo fato de os países terem entendido que o problema brasileiro estava desvinculado da crise originada na Ásia. “O principal problema nosso era pagar o preço pelo que não fizemos”, argumentou Fernando Henrique, acrescentando que “num primeiro momento, foi uma confusão grave, mas a crise da Ásia tinha outras características”. Na sua opinião, 1998 será o “ano da eleição” e da reforma política.

Um presidente muito bem-humorado surpreendeu os credenciados no Palácio do Palácio. Depois de uma cerimônia do programa de reforma agrária, os jornalistas foram convidados para subir ao gabinete presidencial, onde Fernando Henrique os aguardava em companhia do porta-voz da Presidência da República, Sérgio Amaral, e da assessora de Imprensa do presidente, Ana Tavares. O presidente cumprimentou todos os repórteres e, ao lado de uma mesa com salgadinhos, docinhos, rabinada e pão de queijo (“isto é uma homenagem ao Itamar Franco”, brincou), ele conversou informalmente com os jornalistas.

Quando um repórter argumentou que ele viajava muito, Fernando Henrique admitiu que era verdade e que as viagens davam mui-

to trabalho. “Só em Montevideu, fiz nove discursos no mesmo dia”. Ele admitiu que às vezes se sente como uma espécie de caixear-viajante, tentando vender uma boa imagem do Brasil no exterior.

“O Brasil visto de fora é muito difícil de entender. Mas as pessoas estão cientes que não há governabilidade”, salientou Fernando Henrique. “Lá fora acabou a imagem do Brasil como o país da corrupção e da gandaia”, acrescentou, salientando que, agora, as características que os estrangeiros enxergam no Brasil são a estabilidade política e econômica, a democracia e a visão de um Estado eficiente.

Ele confessou que gosta de ser presidente, mas lamentou o preço “alto” que paga ao perder o direito da privacidade. Brincando, disse que preferia ter mais liberdade e andar sem os jornalistas atrás. O presidente, entretanto, admitiu que o contraponto dessa vida sem privacidade é extremamente importante, pois ele tem a nítida consciência de que é agente da História. “Isto é gratificante”, frisou. Quando uma repórter lhe perguntou se era vaidoso, Fernando Henrique respondeu: “Ah, isso eu sou. Eu sou vaidoso, mas não fisicamente. Intelectualmente”, reconheceu.

Hoje, o presidente viaja para o sítio de Ibiúna, nas imediações de São Paulo, onde deverá passar o Natal em companhia da família. “Vou levando uma mala de livros”, garantiu. Um repórter

brincou com o presidente e comentou que ele não tinha o hábito de desfilar com livros debaixo do braço e perguntou se o exercício da Presidência, ultimamente,

permitia a leitura de alguma coisa além dos textos oficiais de trabalho.

“Nas últimas semanas, tive a oportunidade de prefaciar vários livros, inclusive um do Tony Blair (primeiro-ministro britânico), um do Roger Bastide (antropólogo que ensinou na Universidade de São Paulo e do qual Fernando Henrique foi assistente), e um do Albert Hirschman.

Pelo menos esses garantiram que eu li, para poder prefaciá-los”, disse.

Fernando Henrique disse que, em 1997, ficou satisfeito com o desempenho do programa de privatização e com as medidas aprovadas em relação à reforma do Estado.

O papel da Imprensa não lhe causa dissabores. Na sua opinião, a Imprensa “fala pela sociedade” e, nessa situação, às vezes a sua função é classificada como se fosse de oposição.

Na conversa com os jornalistas, o presidente também foi questionado quanto ao problema do desemprego. Segundo Fernando Henrique, os brasileiros não estão habituados a ter desemprego industrial.

“É onde o problema está complicado, porque está havendo um deslocamento espacial do emprego. Em alguns estados, como Ceará, Bahia, Minas Gerais, o emprego industrial está sendo criado”, afirmou Fernando Henrique.

Ele entende que, no Brasil, existe uma tendência de copiar o modelo americano, onde 5% de desemprego é considerado como uma situação de pleno emprego.

Para Fernando Henrique, um País como o Brasil não pode ser associado, na questão do desemprego, ao que acontece na Europa Ocidental, principalmente na Espanha ou na França.